

Os escravos voadores

Quando estava traduzindo o livro *The Souls of Black Folks*, *As Almas do Povo Negro*, de W. E. B. DuBois, me deparei com a linha de poesia que dizia: “*My mother’s took her flight and gone home*”. A frase tem dois componentes que estão profundamente arraigados na cultura criada pelos escravos rurais americanos, registrados em suas canções, na literatura oral e mesmo escrita de alguns desses cativos e nos sermões das igrejas, comumente versões rústicas dos Evangelhos. O primeiro, e é o que me faz escrever este ensaio, está na assertiva que a mãe do poeta fugiu (*took her flight*) e se complementa que foi para casa – casa aqui, como sempre, a casa do Senhor, no Céu. Assim que, ao traduzir a frase, optei por fugir, escapar, ir embora – jamais pensei, ignorante de aspectos característicos do tempo em que a poesia foi produzida, e de lendas sobre os africanos que voavam, que ele quisesse dizer que ela, sua mãe, *voou* para casa, para o Céu. Ou voou para a África, de volta.

Poderosa é a literatura dos negros norte-americanos, seguramente a partir das formas como foram aculturados – nas igrejas protestantes, onde a estruturação da fé se deu seguindo leituras bíblicas ou dos Evangelhos. Quando o escravo conseguia romper o cerco que o impedia de aprender a ler, o fazia através de aprendizado clandestino, nas mais diversas formas, ou pela bondade de algum amo que via na leitura dos livros sagrados algo que todo o ser, mesmo o escravo, deveria alcançar: o caminho da salvação além da vida terrena. O conhecimento da vida de escravos ou alforriados, que estruturaram igrejas, que se tornaram ricas e poderosas, encontrará em sua raiz alguém que teve a oportunidade de aprender a ler a Bíblia ou o Evangelho. E esta poderosa literatura que gerou nomes como James Albert Ukawsaw Gronniosaw, Olaudah Equiano, Nat Turner, Frerderik Douglass, William Wills Brown, Henry Bibb, Sojourner Truth, William and Ellen Craft, Harriet A. Jacobs e Jacob D. Green – todos escravos, libertos ou alforriados. Nela, na Literatura dos Escravos, sempre haverá de se encontrar a morte como o caminho seguro para o escravo deixar o sofrimento e partir para Casa.

Mas, mais recentemente, toda uma plêiade de escritores afro-americanos se dedicaram a preservar a Lenda dos Escravos Voadores. Virginia Hamilton e Julius Lester, estes se dedicaram a contá-la como histórias infantis. A cineasta Julie Dash ocupou-se em reverenciar a memórias dos escravos ibôs, os voadores, no filme *Daughters of the Dust* (Filhas da Poeira, sem tradução e exibição no Brasil).

Há um trabalho recente, de intensa pesquisa biográfica e de campo, do professor Greg Grandin, da Universidade de Nova York, no livro *O Império da Necessidade – Escravatura, Liberdade e Ilusão no Novo Mundo*. Referindo-se ao alto índice de suicídio entre os escravos embarcados no Golfo da Guiné, na costa oeste da África, narra que nas plantações de arroz na costa da Geórgia, os escravos, especialmente os ibôs, preferiam atirar-se no Atlântico a sofrer a servidão. Estes, porém, dizia a lenda, “não cometiam suicídio, mas ‘voando’ ou ‘andando’ sobre a água – ou dançando nas águas voltavam para casa”. Acrescenta Grandin em seu livro: “Negros não se matavam”, recordou Estéban Montejo, um ex-escravo cubano. “Eles fugiam voando. Eles voavam pelo céu e voltavam para suas terras nativas”.

Em 1977, Toni Morrison, escritora negra norte-americana, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura, escreveu o romance *A Canção de Salomon*. Ela aborda a questão do voar, na

conversa de dois personagens¹: “Quando você diz voou, quer dizer que fugiu, não é? Que escapou?”

“Não, quero dizer voou. Pode ser apenas bobagem, sabe, mas de acordo com a lenda ele não estava fugindo. Ele estava voando. Ele voou. Sabe, como um pássaro. Um dia, caminhou para o campo, subiu numa colina, girou em torno de si algumas vezes e estava decolando. Foi exatamente para aonde ele havia vindo.”

Numa enciclopédia regional, do estado da Geórgia, onde ficam as *Sea Islands*, ligadas à escravidão naquele país, há um registro histórico sobre os Africanos Voadores. Assim:

“As raízes históricas dos Africanos Voadores pode retroceder a 1803, quando um grupo de escravos ibôs chegou a Savannah, nos Estados Unidos da América, após haver suportado o pesadelo da Passagem do Meio (Travessia do Atlântico). Os ibôs, vindos de parte do atual território da Nigéria, tinham a fama de serem muito ferozes, independentes e não dispostos a tolerar as condições humilhantes da escravidão. Os ibôs, que ficaram conhecidos como os Africanos Voadores, foram comprados no mercado de escravos de Savannah por agentes negociando em representação de John Couper e Thomas Spalding. Embarcados num pequeno navio, eles foram confinados num porão inferior na viagem pela costa de São Simons. Durante a viagem, todavia, se insurgiram em rebelião contra os agentes brancos, que se jogaram no mar e se afogaram.

O que viria a acontecer após isto é um admirável exemplo das formas como os escravos e os seus captores deram curso ao evento, de formas diferentes. Um dos únicos vivos àquele tempo, capaz de contar a sua versão, foi Roswell King, o capataz de uma plantação das vizinhanças, de Pierce Butler. King recontou que tão logo os ibôs desembarcaram na ilha de São Simons, embrenharam-se nos pântanos – suicidando-se ao adentar o arroio Dunbar. Para King, o mais relevante da história foi a perda financeira sofrida por Cooper e Spalding.

Mas a tradição oral afro-americana, de outra parte, preservou uma narrativa muito diferente dos fatos daquele dia. Como todo o conto oral, cada narrador acrescentou algo de sua imaginação, de forma que hoje existem dezenas de variantes sobre o mesmo evento. Nos anos 1930, mais de 100 anos após o levante dos ibôs em São Simons, membros do Projeto Federal de Escritores colecionou narrativas orais nas Sea Islands. Resume-se com o seguinte registro: A um velho afro-americano chamado Quarterman foi indagado se ele sabia a respeito da chegada dos ibôs, tendo ele respondido, “Você nunca ouviu nada sobre eles? Bom, naquele tempo era capataz o senhor Blue... O senhor Blue foi um dia na direção deles com um longo chicote prá exemplá-los bem... Pois bem... ele chicoteou-os prá valer, assim eles se juntaram e o

¹ *Song of Solomon*, by Toni Morrison, 1977, Editora: Penguin Group. Pgs. 322-323.

atacaram com enxada... em seguida alçaram para o céu e se transformaram em gaviões, voando de volta para a África. Todo mundo sabe isto!”